

VIANA DO ALENTEJO

Inícios do Século XX



Praça da Palha

LEGENDA

A azul - Vias cuja toponímia antiga se acha identificada e se pretende recolocar sob as placas actuais.

- Poços públicos, fontes, tanques e chafarizes
- Ermidas e Igrejas



Serrinha



TOPONÍMIA ANTIGA – Breve Resenha Histórica

A vila de Viana do Alentejo nasceu na segunda metade do século XIII, logo que se deu por terminado o processo militar comumente conhecido por *reconquista cristã*. O local escolhido para a sua implantação foi um pequeno planalto, com cotas altimétricas médias próximas dos duzentos e cinquenta metros, situado no arranque setentrional da chamada serra de S. Vicente, numa propriedade então conhecida por *herdade de Foxem*. No desenho da novel povoação seguiram os seus fundadores os preceitos do chamado *urbanismo planeado*, de feição ortogonal, com ruas largas e de traçado rectilíneo, tanto quanto permitia a topografia do terreno. Algo, de resto, muito parecido com o que hoje se faz nas novas urbanizações, onde primeiro se prepara o terreno, se traçam e constroem as ruas e as suas infra-estruturas e só depois se edificam as casas.

Sabemos, principalmente através de processos comparativos de medição já estudados por diversos investigadores¹, que os primitivos quarteirões da vila se desenvolveram entre as actuais ruas António José de Almeida/Brito Camacho, no limite norte e as ruas da Graça/Manuel Prates/Água Abaixo, nos limites sul (figura 1). A primeira igreja paroquial estaria situada num ponto um pouco mais elevado, dominando esses quarteirões pelo lado sul, no local onde hoje está o Posto de Turismo, no interior do castelo e junto à sua entrada norte. De referir que, por esse tempo, o castelo ainda não exista. Pelos flancos sul e poente dessa primitiva igreja desenvolver-se-ia o cemitério paroquial, mais tarde, já nos inícios do século XVI, ocupado em parte pela construção da actual Igreja Matriz; muito provavelmente - e num momento apenas um pouco anterior ao da sua construção, terá sido só nos finais do século XV que foi edificada uma estrutura amuralhada, de geometria pentagonal e com pouco mais de duzentos metros de perímetro, a que chamamos *castelo* e que, por tradição que hoje sabemos equívoca, desde há muito se convencionou atribuir ao reinado de D. Dinis.

¹ Por exemplo TRINDADE, Luísa, *Urbanismo na Composição de Portugal*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, PAIO, Alexandra Cláudia Rebelo, *Urbanismo Medieval Planeado - As Novas Vilas Medievais Sec. XIII-XIV*, Dissertação de Mestrado em Desenho Urbano apresentado ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, texto policopiado, Lisboa, 2001 ou BAIÃO, Francisco, "Antes de Viana", in *Os Forais Manuelinos de Aguiar e de Viana do Alentejo - 500 anos*, Lisboa, Caleidoscópio, 2017, p.30 e seguintes.

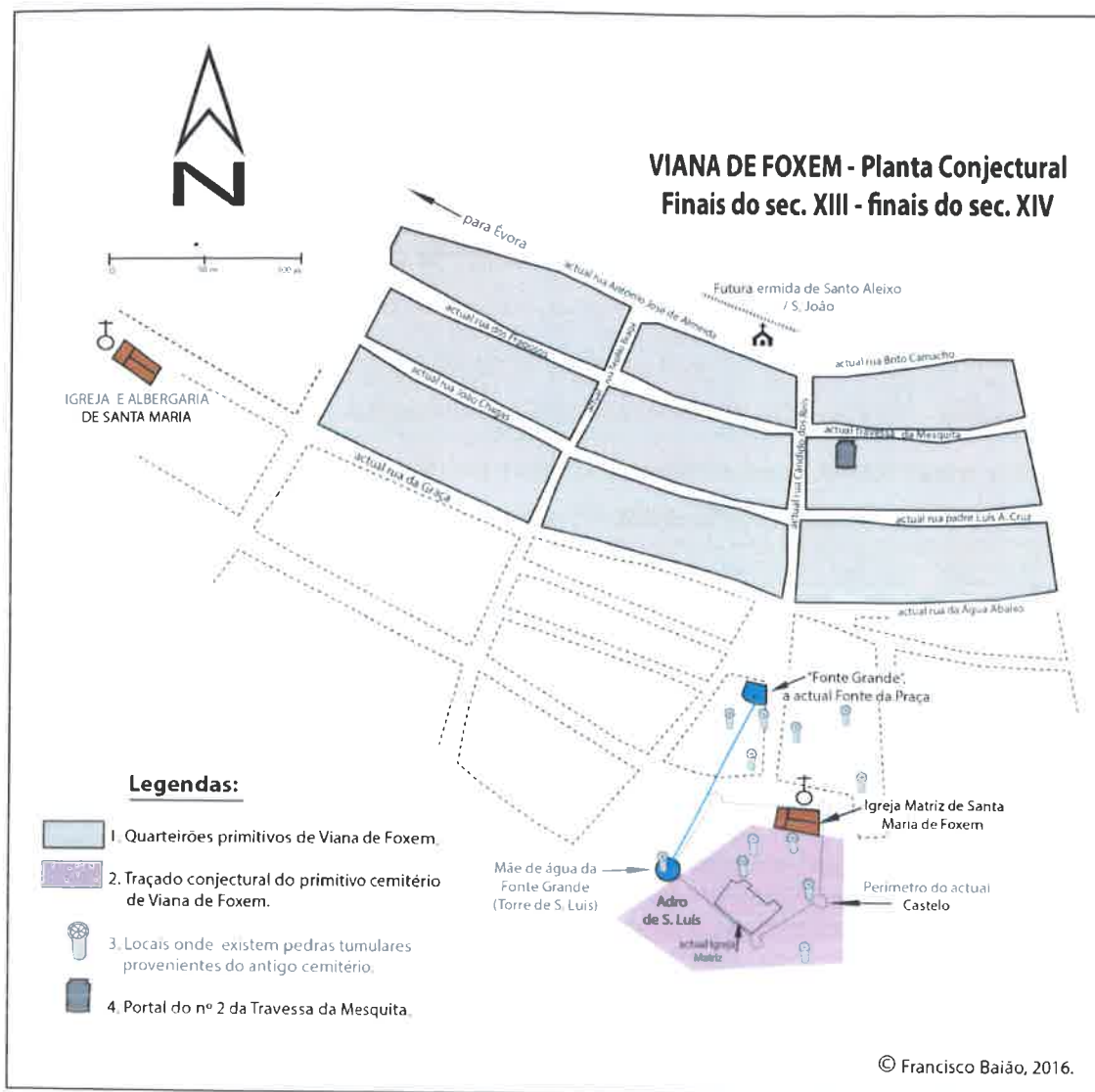


Figura 1 - Planta conjectural da vila de Viana do Alentejo entre os finais do século XIII e os finais do século XIV.

No lado nascente da pequena fortaleza existiu, durante largos séculos, um amplo espaço aberto conhecido por Rossio do Castelo, delimitado a nascente pelos quintais do casario poente da rua da Olaria, a sul talvez pela rua das Parreiras e a norte pela rua da Amendoeira. Nesse rossio se faziam os mercados e feiras e dele partiam os caminhos para Alvito, Vila Nova, Água de Peixes. Seria também nele que estaria instalado o pelourinho concelhio. A sua urbanização só ocorreu na segunda metade do século XIX².

A principal estrutura de abastecimento público de água da Viana primitiva terá sido a chamada Fonte Grande, localizada num grande largo que se abria entre o casario dos

² Como, por exemplo, nos dá notícia a acta da sessão da Câmara, de 7 de Abril de 1867: "(...) 1.º Foi lido um requerimento de Neutel Figueira, Morador n'esta Villa, no qual pede d'aforamento uma porção de terreno no Rocio do Castello d'esta Villa a fim de nelle construir uma morada de Casas.(...)" - A.H.C.M.V.A., Actas das Sessões de Câmara, 1867.

quarteirões mais antigos, a norte, e a dita primeira igreja matriz, a sul, mais ou menos no lugar onde hoje está a Fonte da Praça. Esse largo daria origem, um pouco mais tarde e à medida que foram urbanizados os espaços por onde hoje se estendem a rua Miguel Bombarda e os troços meridionais das ruas Teófilo Braga e Cândido dos Reis, à actual Praça da República.

Do nome de algumas das primordiais artérias da Vila temos notícia através de um documento precioso, o *Tombo das cousas do ospital de nossa Senhora Sancta marya da graça da Villa de Viana*, redigido aquando da integração dos bens da extinta confraria dos *Homens Bons Ovelheiros de Viana do Alentejo* na Misericórdia local, por volta de 1534 - mas referindo-se a realidades patrimoniais presumivelmente já existentes, pelo menos desde a segunda metade do século XV. Esta relação é anterior à construção de alguns dos edifícios mais importantes e definidores da moderna estrutura urbana vianense, a saber o convento de S. Francisco, já sobre o arranque da serra, nos limites sul da povoação e o mosteiro do Bom Jesus, nos limites norte, nos terrenos mais baixos, junto à antiga estrada para Évora. Também não existia o edifício dos Paços do Concelho, na Praça, construído que foi apenas no final do século XVII, sendo que a primitiva casa municipal funcionava então no interior do castelo.

No *Tombo* as ruas são designadas em função da relevância dos pontos que ligam. E os mais relevantes eram, sem dúvida, as fontes, as igrejas e o próprio hospital da confraria, anexo à Ermida de Nossa Senhora da Graça (figura 2). Vejamos alguns dos seus itens. No V, por exemplo, pode ler-se:

“Tem hũas casas cõ seu quintal Junto do dito Sprital de nossa Snõra. E da parte do poente parte as ditas casas e quintal cõ a capella da Igreja do dito esprital E vay lindando pera ho Sul partindo cõ quintal do dito esprital atee chegar da dita parte do Sul aa Rua pubrica q’ vay da villa pera a fonte q’ se chama dos escudeyros E da parte do levante partem as casas e quintal cõ curral dantonyo dolyveyra. E da parte do norte partem as ditas casas cõ Rua pubrica q’ vay desta villa pera o dito Sprital. (...)”

Ficamos a saber que a confraria possuía umas casas junto ao seu hospital³ de Nossa Senhora, que se localizava sensivelmente no mesmo lugar onde está hoje o que resta do Hospital da Misericórdia vianense e a anexa ermida da Graça. Essas casas, que

³ Importa aqui esclarecer que o conceito de *hospital* era, naquele tempo, bem diferente do actual, estando mais próximo daquilo que é hoje uma estalagem, isto é, um lugar onde o viajante ou o peregrino podia pernoitar e recuperar, em segurança, da jornada. Aí era assistido de corpo e alma: pela alimentação que lhe era fornecida, a si e à sua montada e, na capela que normalmente se anexava ao hospital, pelo serviço religioso.

assinalámos na figura 2 com a letra A, confrontavam, pelo lado poente, com a capela do dito hospital; pelo lado Sul, com a **Rua pública que vai da vila para a fonte que se chama dos escudeiros**, a actual Rua D. Maria Joana Cabral; pelo nascente com as casas e quintal com curral de António de Oliveira, que ocupariam uma zona onde actualmente se encontra o prédio que tem o seu alçado principal no número 7 da já referida Rua D. Maria Joana Cabral; e, por fim, a norte, com a **Rua pública que vai desta vila para o dito Hospital**, a actual Rua da Graça. Pela descrição, estas casas deverão ser as que têm presentemente o número 5 da dita Rua D. Maria Joana Cabral, onde durante décadas viveu e teve oficina o mestre oleiro António Lagarto e que são, ainda hoje, propriedade da família.



Figura 2 - Planta conjectural da vila de Viana do Alentejo nos finais do século XVI.

O item seguinte refere-se a umas outras casas, assinaladas com a letra B na mesma figura, próximas das anteriores e também propriedade do dito hospital:

"(...) As quaaes casas e quintal parte da parte do levante cõ quintal do dito esp'tal E da parte do norte partem cõ **Rua pubrica q' vay desta Villa pera o dito**

espiritual indo pera fonte cuberta E da parte do ponente partem cõ Rua q' vay da fonte dos escudeyros pera a fonte cuberta. E da parte do sul parte o dito q'ntal cõ outra Rua pubrica q' veë da dita Villa pera a dita fonte dos escudeyros."

Pelo lado nascente estas casas confrontavam com o quintal do hospital, o que significa que estariam mais ou menos situadas no local onde hoje a porta com o nº 48 da rua da Graça, junto ao troço da rua de S. Pedro compreendido entre o cruzamento da referida via com as ruas D. Maria Joana Cabral e José de Sousa Cabral. Pelo lado norte eram limitadas pela **Rua publica que vai desta Villa para o dito hospital indo para a fonte coberta** que é, como já vimos, a dita rua da Graça. Esta artéria inflectiria provavelmente um pouco para norte, logo após o hospital, indo terminar perto da Fonte Coberta. Hoje desaparecida, esta estrutura pública de abastecimento de água estava situada algumas dezenas de metros a sul da actual fonte e chafariz do Largo 25 de Abril que, de alguma forma, a vieram substituir em 1904.

Pelo lado do poente as casas da confraria eram confrontadas com a **Rua que vai da fonte coberta para a fonte dos escudeiros**, uma via hoje já desaparecida mas que, pelo menos em parte, andaria próxima e seguiria a mesma direcção do atrás referido troço da Rua de S. Pedro (figura 3). Por fim e pelo lado sul o prédio confrontava com a **Rua pública que vem da dita Vila para a dita fonte dos escudeiros**, a actual rua D. Maria Joana Cabral. Segundo esta descrição, a Fonte dos Escudeiros, hoje perdida, poderia ter estado perto da zona onde a rua de S. Pedro encontra a rua do Progresso, em local hoje já muito provavelmente ocupado pelo casario do chamado *bairro Cadema*, urbanização da segunda metade do século XIX. Uma acta da sessão camarária de 8 de Outubro de 1882⁴ fala da reparação de uma vala na *azinhaga da Fonte dos escudeiros*, que pudemos supor ser esta rua do Progresso:

"O Sr. Presidente convidou a Camara para irem examinar a azinhaga da Fonte dos escudeiros para resolverem sobre a forma da valeta para esgoto da agua do predio de Joaquim Manuel Silveiro o qual tão bem estava presente no dicto local e offereceu a Camara uma porção de pedra que se achava proxima para calçare a valeta, com condição de metter a agua

⁴ H.C.M.V.A., *Actas da Vereação*, 1882. De facto e até não há muitos anos, esta rua possuiu uma extensa vala que a corria em praticamente todo o seu comprimento, encostada aos alçados das casas do lado sul.

do seu predio na dita valleta, - A Camara depois de bem examinar o terreno resolveu não aceitar o dito offerecimento e deliberou não concentir que a agua do dito predio não saia para a valeta sobredicta se não no sitio donde desde tempo immemorial sahia, e resolveu fazer a Valeta á sua custa."

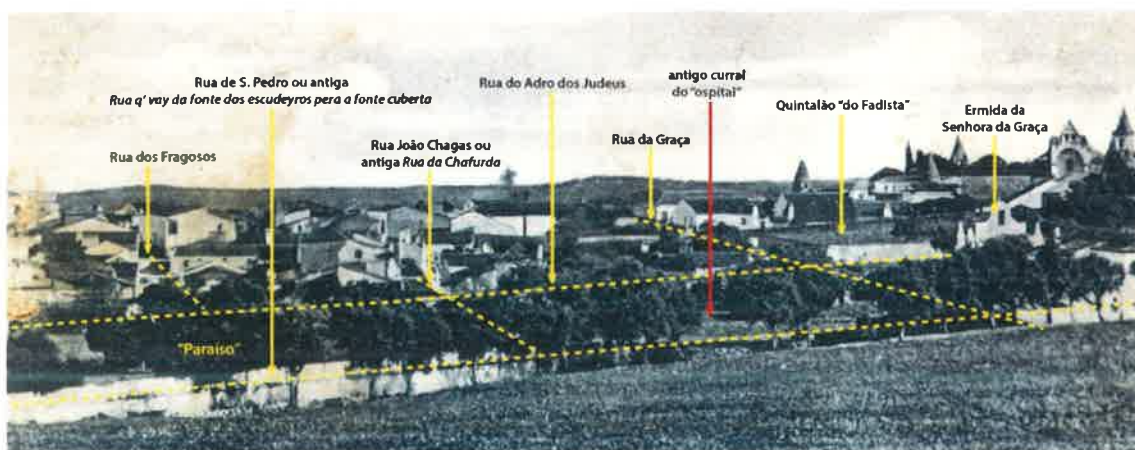


Figura 3 - Vista parcial da vila de Viana do Alentejo tirada, por volta de 1905, a partir da "tapada do Cabral" (Altinho). Bilhete postal ilustrado, edições Alberto Malva, Lisboa, nº 53.

Em frente ao *ospital* a confraria possuía ainda um curral, que para o lado norte se prolongava até à **Rua que vay direyta da estallagë velha desta villa përa a fonte cuberta**, a qual pensamos ser o prolongamento, para oeste, do eixo constituído pelas actuais ruas João Chagas (ou *da Chafurda*) e Padre Luís António da Cruz. A rua João Chagas, que hoje termina no pequeno beco homónimo, tinha seguimento em direcção à actual rua de S. Pedro e à Fonte Coberta (ver a figura 3). Apenas foi cortada em 1870 quando António de Sousa Faria e Melo, residente na cidade de Évora e então proprietário do prédio conhecido por *Paraiso*, alcançou da Câmara autorização para o vedar com um muro alto e, simultaneamente, fechar a dita via:

"(...) obrigando-se a construir o dito [muro] de modo que embelleze a dita carreira [do Rossio da Fonte Coberta] com assentos em todo o comprimento da mencionada carreira⁵ (...) Considerando que posto fique fechada a sahida que ha em continuação da Rua da Chafurda não ha nisso prejuizo para alguém - por que raras vezes é seguida sendo o concurso para aquelle sitio pela carreira e os habitantes do fim da dita Rua podem seguir com poucos passos mais o transito geral da carreira quando careção de derigirem para ali - Accordou a Camara

⁵ Deste muro, cuja parte inferior servia de banco, sobrevive hoje apenas um pequeno troço com 17,5 m de comprimento, junto ao largo 25 de Abril, propriedade de António Manuel Horta-Nova Garcia.

que se aceite a proposta do requerente sujeitando-se esta deliberação a aprovação do Conselho de Distrito digo aprovação superior (...)"⁶.

Parece que este curral, que tinha no seu interior um grande poço com contramina⁷, ainda existia nos inícios do século XX (na figura 3, fotografia tirada por volta de 1905, está indicado com a seta vermelha). Por essa mesma altura, ou talvez um pouco mais tarde, aquele espaço passou a ser utilizado como pequena horta, função que manteve até que nele foram construídas as novas instalações do Centro de Saúde de Viana do Alentejo.

Já no centro da Vila o hospital possuía também umas casas perto da Praça, assinaladas com a letra C na figura 2, como nos dá conta o item IX do *Tombo das cousas do ospital de nossa Senhora Sancta marya...*:

"Teem ho dito ospital nesta Villa na Rua direyta - § - na praça da dita villa de fronte da fonte da praça huías casas cõ seu quyntal que trazẽ afforadas em fatiota Bras luys pedreyro e gineura pyrez sua molher. (...) As quaaes casas e quintal foram medidas e demarcadas pellas cõfrontações abaixo escriptas Item partẽ as ditas casas da banda do ponente cõ a dita Rua direyta que vay pera a Igreja. (...)"

Nos inícios do século XVI já existia, portanto, a Praça. Por ela passava a **Rua Direita** ou **Rua direita que vai para a Igreja**, a actual rua Cândido dos Reis. A fonte é identificada como *fonte da praça* e as casas em questão estavam defronte dela, podendo muito bem corresponder ao prédio onde está a Farmácia Viana o qual, efectivamente, pertence ainda hoje à Misericórdia vianense. No último quartel do século XVII foi construído um novo edifício para a Câmara, que até aí tinha estado instalada no interior do Castelo, junto à sua porta norte. Este edifício, dominando a Praça, acabou por abraçar e integrar a velha fonte⁸, obrigando mesmo a alterar um pouco a sua geometria - que ficou mais pequena - e a sua orientação. De assinalar que

⁶ A.H.C.M.V.A., *Livro de Actas das Sessões da Câmara de 1870*, Sessão de 2 de Outubro de 1870.

⁷ Que conseguimos fotografar e constatar a sua antiguidade, antes de ter sido entalpada no decurso das obras de construção do actual Centro de Saúde, em 2006, onde esteve ausente o acompanhamento arqueológico. No local existe um outro poço, mais recente, que foi poupado e integrado no arranjo dos espaços exteriores daquele equipamento social.

⁸ Estamos convencidos que esta Fonte da Praça é a mesma "fonte grande" de que trata um documento emanado da chancelaria de D. Dinis, de 9 de Novembro de 1313, documento esse que terá estado na origem do equívoco a que fazemos alusão no início deste trabalho e que atribuía a paternidade do castelo ao Rei Lavrador. Túlio Espanca prosseguiu nesse erro, chegando mesmo a afirmar ter estado a fonte grande no interior da fortaleza, o que recentes trabalhos arqueológicos têm vindo a desmentir.

o castelo nunca é referido neste *Tombo das cousas do ospital...*, mas apenas a Igreja, que supomos ser já a actual Matriz.

Infra-estruturas de vital importância para a vida das populações, não se estranha a invocação das três fontes existentes na vila de Viana nos inícios do século XVI como marcas óbvias na identificação de algumas das vias públicas do burgo. Delas apenas sobrevive a Fonte da Praça que, como já atrás referimos, se encontra muito modificada na sua disposição primitiva a partir do momento em que se viu integrada, por volta de 1683, no edifício que durante os cerca de três séculos seguintes serviu de Paços do Concelho.

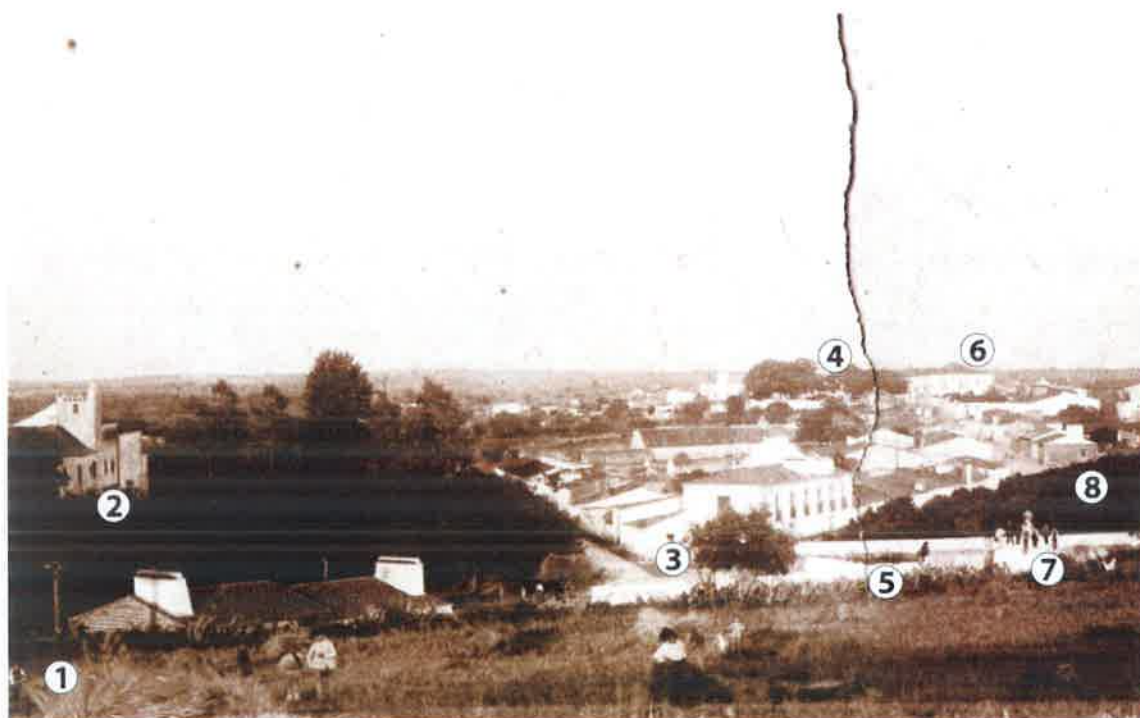


Figura 4 - Vista parcial da Vila, a partir do Altinho, anterior a 1889.

1- Cruzeiro 2. Convento do Bom Jesus e Rossio das Freiras, hoje ocupado pelo Jardim do Rossio e pelo Lar da Misericórdia 3. Largo do Rossio da Fonte Coberta, actual Largo 25 de Abril 4. Ermida-Escola de S. João 5. Tanque público de lavar roupa 6. Edifício fronteiro á Escola de S. João 7. Fonte Coberta 8. Paraíso

A Fonte Coberta, frequentemente referida na documentação antiga da Vila, estava situada no Rossio com o mesmo nome – o *Rossio da Fonte Coberta* -, hoje em parte ocupado pelo Largo 25 de Abril ou *Rotunda*, tendo sido demolida aquando da urbanização de toda aquela zona, no final do século XIX, dando lugar ao chafariz construído nos alvares do século XX a expensas da *Comissão de Pastos*⁹. A sua localização é-nos sugerida na figura 4, onde está assinalada com o número 7. Nela é igualmente visível, com o número 5, o tanque de lavagem de roupa que ocupava o lugar onde hoje está o chafariz e que foi,

⁹ Na altura liderada na altura pelo filantropo e médico veterinário António Isidoro de Sousa.

mais tarde, transferido para o local onde ainda se encontra, encostado ao muro ocidental da cerca do Mosteiro do Bom Jesus. Nesta imagem, tirada a partir do ainda não urbanizado *cabeço do Altinho*, é visível, próximo da capela de S. Sebastião e assinalado com o número 1, o Cruzeiro em pedra que, em 1889, foi transferido para o espaço fronteiro ao portão de entrada do actual cemitério público - inaugurado em 1871, junto á ermida de Santo André¹⁰-, o que nos ajuda na datação deste documento fotográfico, que por isso mesmo não poderá ser muito posterior a 1889¹¹.

Quanto à Fonte dos Escudeiros apenas subsiste a sua memória, não se conhecendo a sua localização precisa nem tão pouco a data da sua demolição, que terá ocorrido provavelmente na segunda metade do século XIX, aquando do início da urbanização daqueles subúrbios da vila com os então designados bairros *Cadema* e *Cabral*, hoje genericamente conhecidos por *Altinho*.

O *Tombo das cousas do ospital de nossa Senhora Sancta marya...* refere ainda outras artérias da vila quinhentista de Viana do Alentejo, de mais difícil relocalização. São elas a ***Rua publica que veë da serra pera a carreya*** que será, com grande probabilidade, a actual rua do Adro dos Judeus - já que a *carreya* apenas poderá ser a *Carreira do Rossio da Fonte Coberta*, que não é mais do que o troço ocidental da actual rua António José de Almeida¹². Ou a ***Rua que foy de Diogo Váz Redoualho q veë da fonte cuberta pera esta villa***, que poderá ser a rua dos Fragosos ou, em alternativa, o seguimento da dita *carreira*, isto é, o troço oriental da rua António José de Almeida, mais tarde (ou já também, nessa altura) conhecido por *Rua das Pedras*.

¹⁰ "Acta n.º 10 | Sessão em sete de Março de 1889 | (...) 2.º Que seja collocada a Cruz que está junto á antiga Igreja de S. Sebastião, em frente do portão do cemiterio, pedindo-se a auctorização do senhorio da herdade, não só para a collocação da Cruz mas para se poder terraplanar o pequeno recinto junto ao portão." A.H.C.M.V.A., Livro de Actas das Sessões da Câmara de 1889, Sessão de 7 de Março de 1889. Ainda nesse mesmo ano, em 4 de Maio, a Câmara foi informada que Joaquim Filipe de Lemos Lobo Freire Pantoja, o proprietário da Herdade das Paredes onde o cemitério se localiza, tinha autorizado o pedido do município.

¹¹ Esta fotografia, com o formato 30,5 x 23,3cm, estava numa das muitas casas de habitação em que tinha sido dividida a parte poente do Mosteiro do Bom Jesus, tendo-nos sido amavelmente oferecida pelo amigo e conterrâneo Gastão Amaro.

¹² Até porque no mesmo item se faz referência à existência, nessa rua, do "*lagar dazeyte de Pero nunez da Costa e Antonia fernandez tabaliaão*", do qual, em nossa opinião, ainda resta uma parte sob a forma do casão utilizado como oficina de ferreiro, no lado oeste do troço da rua do Adro dos Judeus compreendido entre a rua da Graça e o beco João Chagas, com acesso por este último através do portão com o número 14.

Ruas e vielas já desaparecidas ou de difícil relocalização

A toponímia antiga, que precedeu a actual, deve ter-se fixado, toda ela, a partir dos finais do século XVI, portanto em momentos já posteriores ao da redacção do *Tombo*. Seguia de perto o padrão de outras localidades, pelo que também reflectia particularidades funcionais ou geológicas das vias que baptizava – Água Abaixo, Pedras, Chafurda... –, os locais de culto nelas instalados - S. Francisco, Espírito Santo, Graça... - ou ainda as profissões dominantes de quem nela vivia: Carreiros, Oleiros, Tosadores.

Porém, nem toda ela é hoje possível de relocalizar com grande grau de certeza. O que não invalida que, no futuro, outras fontes, agora não consultadas ou indisponíveis, o possam ajudar a fazer. Uma acta da Comissão Municipal Republicana, datada de 24 de Abril de 1911, informa-nos:

“Que de futuro os logares onde possam ficar carros segundo o disposto no Artigo 17 do código de posturas sejam: Travessa do Penedo escorregadio, Travessa da Cerca, beco junto à Rua de S. Francisco, Largo do Poço dos Escudeiros, Rua de Agua Abaixo em logar onde não impeça o tranzito ou livre sahida dos moradores; Travessa do Sacco, Travessa dos lagares do lado direito descendo; Rua da Serra e a da Chafurda; parte superior da Travessa que continua a do Penedo escorregadio.”

Presumimos que a travessa do Penedo Escorregadio seja uma das artérias envolventes da muralha do castelo, talvez a do lado nascente, uma vez que alguns documentos referem a do lado poente como a *travessa da Torre do Relógio* topónimo que ainda hoje, em parte, se mantém. Assim sendo, a *parte superior da Travessa que continua a do Penedo escorregadio* poderá ser o troço meridional da mesma, que liga com o extremo poente da rua Heliodoro Salgado a qual, em 1911, ainda estava em parte ocupada por uma construção que, saindo para fora da muralha, prolongava o chamado *trono* do altar da Igreja Matriz (figura 5). Quanto á travessa da Cerca, poderá ser a actual travessa dos Frades, na sua parte mais oriental, uma vez que o termo *cerca* nomeia geralmente os muros conventuais. Mas tendo Viana dois conventos, o de S.

Francisco e o do Bom Jesus, também poderia referir-se, com menor probabilidade¹³, à artéria que ladeia, pelo lado nascente, este último mosteiro, hoje conhecida por *travessa de Trasmosteiro*.



Figura 5 - Vista parcial do Castelo, por volta de 1930, vendo-se o prolongamento do "trono" do altar da Igreja Matriz, demolido em 1942. Fotografia de Viriato Campos, colecção de Rui Gusmão.

Mais difícil de relocalizar é o *beco junto à Rua de S. Francisco*. Esta artéria é agora a rua Teófilo Braga, na qual se conhece o beco do Saco. Mas esse é, aparentemente, também referido no mesmo documento, não como beco, mas como travessa. Resta-nos o pequeno beco nos limites norte da rua, já existente em 1911, também conhecido na segunda metade do século XX como *beco do quintalão do Fala Barato*. Só que esse beco é muito curto e estreito para poder servir de arrumo a carroças sem impedir o acesso ao dito quintalão. Uma hipótese que se nos tem vindo a colocar, mas que ainda carece de validação, é a *travessa do Sacco* (ou do *Sacro*, como surge noutras fontes) não ser o actual beco do Saco, mas sim um outro arruamento¹⁴.

¹³ Porque essa travessa era particular. Fazia parte da fazenda, onde hoje está a oficina e casa de Luís Farrica, pertencente a José Leonardo Carvalho. O dono da horta de Trasmosteiro pagava-lhe, então, uma verba anual pela sua serventia.

¹⁴ Uma pequena notícia no número 27 do jornal local *O Transtagano*, de 18 de Janeiro de 1939, sugere esta possibilidade: "- Na Praça da República e travessa do Sacro, junto á rua do Pulpito, encontra-se há tempo, respectivamente, um tapume e uma porção de pedras, cujas faltas seria conveniente serem

Até porque *beco* e *travessa* são tipologias de vias bem diferentes, a primeira uma viela sem saída, a segunda uma rua de menor largura, normalmente destinada a servir os logradouros traseiros das prédios. Subsiste ainda a possibilidade do actual beco do Saco ter tido ligação à Praça, como sugerem alguns dos nossos conterrâneos - e, aí, teria sido efectivamente uma travessa (figura 6, assinalado com a letra A). A ter de facto existido essa ligação - o que a observação da planta da vila parece confirmar -, ela teria sido feita no lugar onde hoje está o portão do prédio que foi da família Navarro. Desconhece-se, contudo, a data em que poderia ter sido fechada.



Figura 6 - As travessas desaparecidas de Viana do Alentejo

Os trabalhos de acompanhamento arqueológico das obras de requalificação do centro histórico de Viana do Alentejo (1.ª fase), ocorridas entre 2013 e 2014, não foram conclusivos quanto à identificação de evidências que confirmassem o prolongamento do Beco do Saco em direcção à Praça. Permitiram, contudo, a localização de outras três travessas entretanto desaparecidas. A primeira ligou a actual rua Professor Doutor Manuel Dâmaso Prates à rua Padre Luís António da Cruz

remediadas por quem de direito." Segundo ela, a travessa do Saco estaria nas proximidades da antiga rua do Púlpito, a actual rua Conselheiro José Fernando de Sousa. Seria a actual travessa dos Ferreiros? Ou outra qualquer desaparecida via?

(assinalada com a letra B na figura 6), uma estreita faixa de serventia pública com apenas 3,80 metros de largura, hoje em parte ocupada pela parte poente do prédio onde viveu e trabalhou o barbeiro Pedro Figueira (rua Manuel Prates, nºs 11 a 15), mais concretamente no lugar da própria antiga barbearia. Do lado da rua Padre Luís António da Cruz esta travessa começava na zona onde está hoje o portão com o nº 18, sendo que o alçado nascente da Ermida do Espírito Santo a confrontava. Desta artéria não temos, contudo, qualquer informação documental, ao contrário da segunda, a chamada travessa da Palha da Palha, que ligava este largo à rua Brito Camacho, a antiga *rua dos Infantes*:

*"Acta n.º 3 | Sessão em 19 de janeiro de 1888 | (...) Provisórias | Com referencia aos dois requerimentos de Angello Baptista e de Manuel Rã, em que pretendem aforar, aquelle uma travessa intranzitavel junto ao seo quintal á **Praça da Palha**; (...) Attendendo que estes terrenos de nenhuma utilidade pública servem mais do que para despejos dos vizinhos, sendo necessario uma regular vigilancia para se não reduzirem a dois focos d'infecção - intende a Camara de conveniencia aforar os terrenos pedidos, mas, para o fazer, precisa que a Ex.ma Junta Geral prescinda do direito de suspensão sobre esta deliberação."*¹⁵

Esta travessa seguia um percurso um tanto ou quanto sinuoso (assinalado na figura 6 com a letra F), começando no local onde hoje está o portão com o n.º 25 da rua Brito Camacho e terminando no canto SO do Largo José Falcão, ainda hoje comumente conhecido por *Praça da Palha*, no sítio onde hoje está o portão com o n.º 7, que dava acesso a um pequeno pátio, resquício da travessa, onde viveu o cigano Fava.

Por fim a travessa de S. João, da qual apenas resta o pequeníssimo *Beco do Fala Barato*. Correndo por detrás dos quintais das casas situadas no lado nascente da rua do Lagar Velho, às quais dava serventia, ligava à azinhaga que, do *Rossio da Fonte Coberta*, conduzia à Horta do Marco, mais tarde transformada no actual segmento urbano da Estrada Nacional 257 (letra E na figura 6). Foi encerrada por volta de 1875, tendo sido integrada nos prédios vizinhos pela Câmara, como nos dá conta uma outra deliberação municipal:

¹⁵ A.H.C.M.V.A., Livro de Actas das Sessões da Câmara de 1888, Sessão de 19 de Janeiro de 1888.

"Um requerimento de Rita Joana da Silva pedindo d'aforamento uma travessa contigua a hum Curral que possui no sitio de S. João. A Camara deliberou que se desse o dito terreno em logar d'huma pequena tira de terra que é necessaria do lado do poente do dito Curral para endireitar e alargar a estrada junta."¹⁶

Já o Largo do Poço dos Escudeiros seria, com grande grau de certeza, o espaço fronteiro ao edifício que hoje faz esquina com a rua de S. Pedro e a do Progresso, conhecido entre nós como a *clínica do Zézuca*. O "poço", localizado a meia dúzia de metros do prédio, ainda existe e está selado com uma placa de vigas e tijoleira. Por ele se acede a uma *mãe de água* que recolhe nascentes vindas da serra e as canaliza para norte, em direcção à fonte e chafariz do Rossio, tanque da roupa e fonte das Freiras¹⁷.

¹⁶ A.H.C.M.V.A., *Livro de Actas das Sessões da Câmara de 1875*, Sessão de 3 de Outubro.

¹⁷ Ao fazer o balanço da actividade autárquica ao longo do ano de 1907, o presidente da Câmara Rafael Augusto da Silva Carvalho refere a "*construção d'uma represa subterranea ao Poço dos Escudeiros*" - A.H.C.M.V.A., *Livro de Actas das Sessões da Câmara de 1907*, Sessão de 31 de Dezembro.

A "Revolução" toponímica de 1910

A grande alteração toponímica vianense contemporânea ocorreu com o advento da República. Uma das formas que os partidários do regime implantado no dia 5 de Outubro de 1910 encontraram para rapidamente se legitimarem perante as populações foi a alteração dos nomes das ruas das cidades, vilas e aldeias em praticamente todo o País, tendo as respectivas Câmaras Municipais recebido expressas instruções de Lisboa para procederem nesse sentido¹⁸. Assim e logo na segunda reunião da Comissão Municipal Republicana, que substituiu a última Vereação monárquica eleita em 1908, o vereador e vice-presidente da dita, José António Direitinho, propôs e fez aprovar:

"Por proposta do Vice Presidente foi deliberado determinar a mudança de denominação de algumas Ruas e largos d'esta villa, pela seguinte forma:

<i>Rua de S. Francisco</i>	<i>para</i>	<i>Rua Theophylo Braga</i>
<i>Carreira do Rossio</i>	<i>"</i>	<i>" Antonio Jose d'Almeida</i>
<i>Rua das Pedras</i>	<i>"</i>	<i>" Euzebio Leão</i>
<i>Rua d'Assumpção</i>	<i>"</i>	<i>" Candido dos Reis</i>
<i>Rua dos Infantes</i>	<i>"</i>	<i>" Brito Camacho</i>
<i>Largo Officina Ceramica</i>	<i>"</i>	<i>Largo Bernardino Machado</i>
<i>Rua do Rego</i>	<i>"</i>	<i>Rua Miguel Bombarda</i>
<i>Praça do Municipio</i>	<i>"</i>	<i>Praça da Republica"</i> ¹⁹

José António Direitinho foi um dos introdutores do ideário republicano em Viana do Alentejo. Natural da vizinha vila de Alvito, onde nasceu em 28 de Janeiro de 1858, instalou-se nesta vila por volta de 1904. Proprietário e negociante, possuiu uma fabriqueta de tratamento de cortiças no chamado *Paraíso*, junto ao antigo *Largo da Officina Cerâmica*, hoje Largo 25 de Abril. Viveram, ele e a sua família, no prédio fronteiro ao *Paraíso*, no actual nº 1 da Rua

¹⁸ As mudanças toponímicas começaram logo em 1910. A 29 de Dezembro desse ano, as *estradas reais* transformaram-se em *estradas nacionais*. "A indústria de comemorações, monumentos, bustos e nomes de ruas para escritores, gentes do partido, filantropos, figuras históricas, afectou todas as cidades e vilas do País. Proliferaram as ruas e praças 25 de Outubro", *República*, "Cândido dos Reis e "Miguel Bombarda". Cf. RAMOS, Rui, "A Cultura Republicana", in *História de Portugal*, Direcção de José Mattoso, Sexto Volume, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p.p. 422 e 429.

¹⁹ A.H.C.M.V.A., *Actas da Comissão Municipal Republicana*, Sessão nº 2, 20 de Outubro de 1910.

António José de Almeida. Depois da implantação da República foi vereador e presidente da Câmara. Casado com Catarina das Dores Direitinho (1866-1931) foi pai, entre outros, de Francisco Leal dos Prazeres Direitinho (1898-1971), fundador, director e redactor do jornal local *O Transtagano*. José António Direitinho faleceu em Viana do Alentejo no dia 1 de Julho de 1934²⁰.



Figura 7 - Procissão a entrar na antiga Rua das Pedras, ao S. João, por volta de 1950. Fotografia de Maria Vitória Lopes, colecção do autor. O círculo assinala a placa toponímica, em esmalte.

Não se julgue, porém, que aquela decisão da Comissão Municipal Republicana é suficiente para se estabelecer, sem equívocos, a correspondência entre a toponímia então existente e a actual, objectivo primeiro deste trabalho. Ao compulsar outras fontes documentais e iconográficas, ficamos a saber que a decisão municipal de 20 de Outubro de 1910 não foi cumprida na íntegra, tendo sofrido algumas alterações. Assim, a rua António José de Almeida acabou por designar, cumulativamente, não só a antiga *Carreira do Rossio* - o troço que ia do *Largo da Oficina Cerâmica*, hoje 25 de Abril, até ao desaparecido *Largo da Rotunda*, como na altura era popularmente designado o espaço hoje fronteiro ao Cine Teatro -, mas também a sua continuação em direcção ao S. João, a chamada *Rua das Pedras*. Para além de diversos documentos, possuímos uma fotografia (figura 7) onde, com alguma dificuldade, se pode ainda observar a respectiva placa toponímica afixada num prédio que existiu frente à Escola de S. João, no local onde hoje está um pequeno espaço ajardinado. A esse *aumento* da rua António José de Almeida não deverá ter sido estranho José António Direitinho, que

²⁰ Cf. *O Transtagano*, n.º 16, 15 de Julho de 1934.

mantinha com aquele prócere republicano, mais tarde Presidente da República (1919-1923), uma ligação de amizade, correndo na vila que *até se tratavam por tu*. Por sua vez o médico e político republicano Eusébio Leão, a quem inicialmente tinha sido atribuído a Rua das Pedras, acabou a nomear a mais modesta rua de Pedro Homem, na zona sul da vila.

As alterações toponímicas republicanas ainda atingiram outras artérias, como as aprovadas na sessão de 3 de Abril de 1911:

“Por proposta do vereador Direitinho mudar a denominação da Rua da Chafurda e Praça da Palha respectivamente em Rua João Chagas e Praça Jose Falcão. Esta proposta foi aprovada por maioria.”²¹

Ainda nesse ano de 1911 mudaram de nome a *Carreira de Portel*, que se passou a chamar Rua 5 de Outubro,²² e as ruas *Reytor Cruz*, *Carreteiros* e da *Assorda* que passaram a designar-se, respectivamente, Heliodoro Salgado, Padre Luís António da Cruz e Latino Coelho²³. As vias secundárias e as travessas não foram, contudo, objecto de renomeação por parte dos novos poderes emergentes da revolução de 5 de Outubro, talvez por não possuírem dignidade suficiente para serem depositárias da memória de tão ilustres figuras...

Em 1914 eclodiu a Primeira Grande Guerra na qual Portugal acabou por se empenhar, tanto na frente europeia, na Flandres, como na africana, em Angola e Moçambique. Findo o conflito - no qual participaram e pereceram alguns jovens filhos de Viana e do seu concelho - e seguindo o exemplo de grande parte do País -, a Câmara rebaptizou a até aí chamada *Rua da Serrinha* com a designação de rua Combatentes da Grande Guerra. A memória da *Serrinha*, um grande baldio de uso comunal que começava logo depois das *Escadinhas*, à serra, que a Câmara começou a urbanizar a partir da segunda metade do século XIX, subsiste ainda hoje numa outra artéria, a actual rua da Serrinha, paralela pelo lado do poente à rua Combatentes da Grande Guerra e perpendicular à travessa de S. Pedro.

O golpe militar de 28 de Maio de 1926 e o concomitante regime que instalou o Estado Novo, poucas alterações produziu na toponímia vianense, sendo que apenas o largo Bernardino Machado se viu transmutado em largo 28 de Maio. Quanto a Salazar, acabaria por emprestar o seu nome a um *parque* junto à chamada *carreira do Rossio do Mosteiro* o qual, na prática, nunca passou de um terreno normalmente coberto de ervas, tendo como pano de

²¹ A.H.C.M.V.A., *Actas da Comissão Municipal Republicana*, Sessão nº 2, 3 de Abril de 1911.

²² A.H.C.M.V.A., *Actas da Comissão Municipal Republicana*, sessão nº 65 de 4 de Dezembro de 1911.

²³ A.H.C.M.V.A., *Actas da Comissão Municipal Republicana*, sessão nº 67 de 18 de Dezembro de 1911.

fundo o cada vez mais arruinado mosteiro hieronimita e, no centro, um triste coreto²⁴, até às obras que lhe conferiram o aspecto actual, realizadas já no pós 25 de Abril, durante o mandato do presidente Manuel "Sabino" Rosa Pão Mole.

Poucas também foram as mudanças toponímicas produzidas logo após a revolução de 25 de Abril de 1974 com, uma vez mais (!), o largo 28 de Maio a ser rebaptizado como largo 25 de Abril. Segundo os dados que recolhemos, terá sido precisamente este espaço público vianense o que mais alterações de designação sofreu ao longo dos tempos, titulando-se sucessivamente de *Largo da Fonte Coberta*, *da Oficina de Cerâmica*, *de Bernardino Machado* e *28 de Maio* até se fixar (?) na designação actual de *25 de Abril*. Apenas com as novas urbanizações, construídas nos anos imediatamente seguintes à revolução de 1974, surgiram no Altinho e no seu prolongamento para a zona da Lindina os topónimos de matriz *revolucionária*, reflexo da coloração política dos executivos autárquicos de então, de resto comuns a praticamente toda a região alentejana. São dessa altura topónimos como *Rua Conquistas de Abril*, *Rua 1º de Maio* e *Rua Zeca Afonso*, confraternizando ecumenicamente com outros como *Praceta Nossa Senhora de Aires* ou *Rua Padre Francisco António Cardim*.

Mais recentemente, em 2011, a Câmara Municipal decidiu criar uma Comissão Municipal de Toponímia que cooptou representantes dos diversos órgãos autárquicos e outras entidades das três freguesias do concelho. Foi a partir do trabalho e das sugestões produzidas por essa Comissão que o Município atribuiu nomes aos arruamentos das novas urbanizações que entretanto tinham sido criadas em Viana: Horta do Marco, Mauforo, Moinhos de Santo António e Zona Industrial.

Uma nota ainda acerca de dois largos já desaparecidos: o *largo das Areias* e o *largo da Rotunda*. O primeiro estava situado no cruzamento da rua da Água Abaixo com as actuais travessa do Instituto e rua Latino Coelho. A sua designação derivaria, estamos em crer, do facto de na zona se depositarem as areias arrastadas das cotas mais altas da zona do Castelo, numa altura em que grande parte daqueles arruamentos ainda não estariam empedrados.

O antigo *largo da Rotunda*, que nada tem a ver com o actual Largo 25 de Abril a que, comumente, também chamamos de Rotunda, localizava-se na zona fronteira ao alçado

²⁴ Com frequência o jornal local *O Transtagano* chama a atenção para este facto. No seu número 124, de 26 de Novembro de 1949, titula e discorre: "**O Parque Municipal Dr. Oliveira Salazar não dignifica nada o respeito pelo nome dêste ilustre português** - Se bem que exista em Viana do Alentejo um Parque Municipal, assinalado com o nome ilustre do sr. Dr. Oliveira Salazar, não achamos justo, e mesmo é contra a nossa maneira de ver, que aquele património nacional se encontre num estado de perfeito abandono e à mercê de lixos e erva daninha. E o seu local é pleno de boa situação. (...)"

principal do Cine Teatro, no local onde a antiga *Carreira da Fonte Coberta* se unia à antiga *Rua das Pedras*. No pós-república essas duas artérias foram transformadas, como já atrás referimos, numa só, a actual rua António José de Almeida.

Toponímia antiga de Viana do Alentejo, cuja consistência histórica o presente memorando pretende fixar.

Os arruamentos seguintes são aqueles cuja toponímia antiga, por via da análise de variada documentação que a atesta, se tem como fixada com grande grau de certeza:

1. Rua Teófilo Braga - antiga Rua de S. Francisco
2. Rua Miguel Bombarda - antiga Rua do Rego
3. Rua António Isidoro de Sousa - antiga Rua do Poço Novo
4. Rua Eusébio Leão - antiga Rua de Pedro Homem
5. Rua João de Deus - antiga Rua de Cabo Verde
6. Praça da República - antiga Praça do Município
7. Rua Cândido dos Reis - antiga Rua Direita
8. Rua Prof. Dr. Manuel Dâmaso Prates - antiga Rua da Graça
9. Rua Conselheiro José Fernando de Sousa - antiga Rua do Púlpito
10. Rua Padre Luís António da Cruz:
 1. Troço leste - antiga Rua do Espírito Santo
 2. Troço oeste - antiga Rua dos Carreteiros
11. Rua e Beco João Chagas -
 1. antiga Rua da Chafurda
 2. antigo Beco da Chafurda
12. Rua António José de Almeida
 1. Até ao Cine Teatro - antiga Carreira do Rossio da Fonte Coberta
 2. Do Cine Teatro ao S. João - antiga Rua das Pedras
13. Rua Brito Camacho - antiga Rua dos Infantes
14. Rua Latino Coelho - antiga Rua da Assorda
15. Rua Heliodoro Salgado - antiga Rossio do Castelo

16. Largo José Falcão - antiga Praça da Palha

17. Largo 25 de Abril - antigo Rossio da Fonte Coberta

Algumas destas artérias possuíram mais do que uma designação ao longo dos tempos. Tal foi, por exemplo, o caso da rua Cândido dos Reis, que foi sucessivamente a *rua direyta que vay pera a Igreja* - ou apenas *rua direyta* - e *rua da Assunção*. Nestes casos seguimos como critério de fixação do nome antigo a designação que mais tempo se manteve, no caso a de *rua Direita* - em vigor presumivelmente desde os primeiros tempos de fundação da vila, em finais do século XIII, até aos inícios do século XVIII, isto é, durante um período de cerca de quatrocentos anos -, sendo que a designação seguinte, *da Assunção*, só terá sido usada entre os inícios do século XVIII e 1910, cerca de duzentos anos.

A actual rua Conselheiro José Fernando de Sousa também conheceu duas diferentes denominações, a mais antiga e duradoura a de *rua do Púlpito*; apenas entre 1893 e meados do século XX, cerca de cinquenta anos, ostentou o nome de um antigo juiz que ali tinha vivido, Sousa Pinto.



Figura B - Vias cuja toponímia antiga se acha identificada, propondo-se a sua recolocação sob as placas actuais.

01. Rua Teófilo Braga - antiga rua de S. Francisco

Tem o seu início junto à *Creche*, designação popular do *Centro de Assistência Infantil do Imaculado Coração de Maria*, instituição que se instalou no antigo Convento de S. Francisco, fundação dos finais do século XVI em terrenos situados nos limites meridionais, encostados à serra, da vila quinhentista. Correndo de Sul para Norte, ao longo de cerca de duzentos e oitenta metros, termina no encontro com o troço nascente da actual rua Dr. António José de Almeida, a antiga *rua das Pedras*. Será uma das artérias primitivas da urbe fundada na segunda metade do século XIII (figura 1), desconhecendo-se, porém, qual a sua designação durante os seus três primeiros séculos de existência. Até aos meados do século XIX não tinha seguimento, para Sul, na actual Estrada de Vila Nova, pois a cerca do convento prolongava-se para oeste pelos terrenos que hoje integram o *Chalet*, até ao chamado *curral da Câmara* que se situava na zona, hoje urbanizada, envolvente à chamada *Escola das Raparigas* (figura 2). Tinha, porém, continuação para Norte, pela desaparecida Travessa de S. João, uma estreita faixa que, como mais atrás referimos, seguia e dava serventia aos quintais das casas do lado nascente da rua do Lagar Velho (assinalada com a letra E na figura 6).

Apesar da sua localização privilegiada, a meia encosta da serra e sobre um pequeno planalto, a vila de Viana do Alentejo sofreu, com frequência, os efeitos quase catastróficos das grandes enxurradas que se precipitavam da serra e tudo arrastavam consigo. Uma dessas calamidades, ocorrida em 3 de Outubro de 1944, ainda hoje é recordada por muitos habitantes como o dia em que *o burro do Zé Balhão passou morto à praça*, arrancado do seu estábulo pela fúria das águas!

A solução para esta situação, muito desejada mas sempre adiada, só foi alcançada na segunda metade da década de cinquenta do século passado, quando o então presidente da edilidade, José Fragoso (+1958), mandou construir uma grande conduta subterrânea que recolhe as águas pluviais ainda na serra, logo por cima dos limites Sul da cerca do antigo convento de S. Francisco e as conduz, com largueza e ao longo de quase seiscentos metros, sob a rua Teófilo Braga e quintalão contíguo à antiga Escola de S. João (vulgo, o quintalão do *Fala Barato*), até desembocarem na zona da *Barca*, junto á estrada para Évora, onde depois se espalhavam sem problemas de maior uma vez que aquela zona ainda não se encontrava urbanizada. A construção desta infra-estrutura, que corre bastante funda - em média cerca de quatro metros abaixo da cota do pavimento -, obrigou à abertura de uma imensa vala ao longo de grande parte do seu percurso, sendo que na zona onde hoje está a Casa do Benfica corre a maior profundidade, pelo que se optou pela tunelacão. Durante as obras ocorreu um acidente que custou a vida ao seu encarregado. Um domingo, perto da taberna do Gadanha, uma

mulher hesitava em atravessar as estreitas tábuas de madeira que serviam de passadiço sobre a funda vala, nessa altura cheia de água, pois tinha chovido. Na taberna, o encarregado viu a senhora e veio à porta dizer-lhe para não ter medo, que a passagem era segura. E, para o assegurar, ele próprio se pôs em cima do improvisado pontão, aos saltos. Homem muito corpulento, como o recordam os que o conheceram, as tábuas cederam e ele caiu desamparado na vala, de tal forma que bateu com a cabeça numa pedra, ocasionando-lhe a morte.

Com perto de um metro de altura, na década de sessenta do século passado era comum as crianças e jovens mais afoitos entrarem nesta conduta pelo acesso da creche, percorrendo-a toda até saírem junto à actual rotunda, da *ladeira do mercado*.

Túlio Espanca, no seu *Inventário Artístico*, elenca os imóveis com interesse histórico-patrimonial existentes nesta artéria por volta de meados da década de setenta do século passado:

“RUA DR. TEÓFILO BRAGA, antiga Rua de S. Francisco.

N.º 28 [actuais nºs 22, 24 e 26] - *Casa antiga, popularmente designada da Cegonha, que se diz ter sido habitada, noutros tempos, por familiares dos morgados Faria e Melo Lobo. Conserva um magnífico balcão de sacada, de mármore branco, cornijas muito acentuadas e de múltiplas molduras, com balaústres seccionados, de base quadrada e quádruplos bestiários ornamentais, zoomórficos. Trata-se do mais representativo exemplar do seu género da vila, de características barrocas do séc. XVII. A janelinha contígua, de peito, igualmente decorada por ferragem estilizada, é uma representação moderna.*

N.º 37 [actual edifício com os nºs 43 e 45] - *Imóvel antigo, vulgar, mantendo três janelas de sacada, de ferro forjado e de fins da centúria setecentista.*

N.º 54-56 [actuais nºs 30, 32, 34 e 36] - *Casa antiga, com quatro janelas de sacada de ferragem típica da época de D. Pedro II, do modelo de bracelete, estando a portada do primeiro número, parcialmente obstruída. O imóvel prolonga-se pela Rua Dr. Manuel Dâmaso Prates, em cuja empena do piso principal existem mais dois balcões da série dos anteriores.*

N.º 57 - *Portada pétrea, de jambas com chanfraduras, verga de duas arquetas de trilóbulos geminados e bases de ornatos piriformes, do estilo manuelino. É semelhante ao exemplar da Rua dos Cardins, na vila de Torrão. Quase defronte e esquinado com a Rua dos Fragosos, subsiste o interessante imóvel que no ano de 1699 era habitado por Margarida Coelho, viúva de Estêvão Fernandes Rei [actuais nºs 38, 40, 42 e 44]. Possui, no andar nobre, o balcão angular e geminado composto por coluna esbelta, da ordem dórica e arquitrave de*

mármore branco, em representação única, na vila, deste tipo clássico de arquitectura da fase final da Renascença, já do período filipino.

Pitoresca é a frente meridional, que deita para o pátio interior, iluminado por galeria de pilaretes, arcadas cegas, alvíssimas de cal branca, e pelo poço de armação férrea, singela, que abastecia, outrora, a população do bairro, por cedência graciosa daquela proprietária.

Na década de 1970 foi destruído, impensadamente, na face da Rua, correspondente ao número 20 [actuais nºs 16 e 18], um opulento portal de pedra do sítio, adintelado e guarnecido, nas ombreiras e verga por motivos almofadados e florentes. Era exemplar típico da arte barroca do século XVII.”²⁵

Em 1902 Gertrudes Velhote vivia na Rua de S. Francisco. Em 1908 Manuel Dâmaso Prates, alfaiate, vivia na mesma rua, no prédio que faz esquina, pelo lado meridional, com a rua da Graça; aí nasceu o seu filho homónimo, médico e investigador, que hoje dá nome ao troço daquela artéria que vai até à Praça. No ano seguinte, em 1909, encontramos um José Bento²⁶ a viver naquela rua. Em 1910 habitavam aqui Joaquim Bernardo Ruivo e Joaquim Mathias Carapinha.

ALGUNS PRÉDIOS E VIVÊNCIAS DA ANTIGA RUA DE S. FRANCISCO

ÍMPAR

N.ºs 19 e 21 - Prédio de dois pisos, mandado construir pelo empresário local Neutel Banha Serpa (estava em fase de acabamentos no dia 1 de Janeiro de 2000). Antecedeu-o um amplo casão onde funcionou, na primeira metade do século XX, a oficina automóvel de José Morais Pinto (antes, tinha estado no Largo de S. Luís), que também tinha carro de aluguer. Mais tarde a mesma oficina foi explorada por Fernando da Luz, que simultaneamente vivia nas casas do primeiro piso recuado, com uma varanda frontal. Nessas mesmas casas viveram também familiares de Joaquim Aurélio Martinho Fialho. Já na segunda metade do mesmo século, nas décadas de setenta e oitenta e nas suas fases de arranque, tiveram ali as suas

²⁵ ESPANCA, Túllo, *Inventário Artístico do Distrito de Évora*, Lisboa, Edição da Academia Nacional de Belas Artes, p.p. 468 e 469.

²⁶ Deve tratar-se de um ascendente da família Bento, que durante largas décadas viveu e trabalhou na Quinta do Duque.

primeiras instalações as oficinas de construção de carroçarias auto de Joaquim Inácio Falé Fadista e de Joaquim Florindo Sousa Luz.

Nº 25 – Prédio de piso único onde, na primeira metade do século passado, esteve instalada a *tia Hermínia Coxa*, que vendia um café que, ainda hoje, os mais velhos recordam como excelente. As casas pertenceram depois - ou já pertenceriam, na altura do dito café -, ao antigo sacristão do Santuário de Nossa Senhora d' Aires, Francisco Ganhão.

Nº 27 e 29 – Edifício de um só piso, actual armazém do vizinho minimercado de Feliciano Tenrinho. Antes, nos finais da primeira metade do século XX, o portão com o nº 27 acolhia a oficina de abegão de Joaquim António Cardoso, pai da Iria Cardoso o qual, mais tarde, trabalhou na Câmara Municipal como canalizador. Depois e já na década de sessenta, esteve ali instalada a primitiva mercearia do pai de Feliciano Tenrinho, onde também trabalhava um sobrinho, o *Manel da Loja*, já falecido.

Nº 31 – Prédio actualmente com dois pisos, com alçado lateral para a rua Eusébio Leão. O rés-do-chão está ocupado pelo estabelecimento de minimercado que foi de Feliciano Tenrinho e o primeiro andar com a sua habitação. Neste local existiu, durante décadas, uma taberna, numa casa de piso único cujo último arrendatário foi Ernesto Carlos Figueira, o *Gadanha*, que a tinha tomado de trespasse do anterior inquilino por dez contos de réis (dez mil escudos). O local conheceu vários taberneiros na segunda metade do século passado, entre eles o Vítor Parrado (marido da *Margarida das Castanhas*), o *Pé Leve* e o *Figueiras*, antigo empregado do Café Central.

Nº 35 - Prédio de dois pisos da família Mira. De alguma dimensão, aparenta ser reconstrução da altura de transição do século XIX para o XX distinguindo-se já, com a volumetria actual, em fotografia de inícios daquela última centúria. Apresenta o alçado lateral para a rua Eusébio Leão e o anterior para a rua das Escadinhas. Nele viveram, nas décadas centrais do século passado, os irmãos José Gião de Mira e Manuel Mira. Nas décadas finais do mesmo século e já depois da morte daqueles dois, tinha quartos e partes de casa alugados, sendo conhecido em Viana do Alentejo por *a República*. Actualmente encontra-se bastante degradado, sendo propriedade de Eduardo Mira.

Nº 37 - Prédio com alçado principal de apenas um piso, possuindo, contudo, um outro resultante do aproveitamento de sótão, apenas na parte mais recuada; o seu alçado anterior confina com a rua das Escadinhas. Terá sido mandado construir, ou reconstruir, nos inícios do século XX, por Manuel Caetano, negociante de cortiças, natural do Algarve, o que explicaria a

sua arquitectura com platibanda no alçado principal, à maneira do gosto daquela região. Aquele Manuel Caetano viveu aqui com uma irmã, Maria de Jesus e com os filhos desta última. Um deles, de nome Feliciano Caneca, teve aqui uma pequena mercearia, a que se acedia por uma porta que estava no lugar onde hoje está a janela mais meridional. Mais tarde a casa foi comprada por Francisco Alberto dos Santos Duro, vulgo "*Chico Alberto*" (†1959), casado com uma das irmãs Mira, Maria. Viveu ainda aqui uma outra dos muitos irmãos Mira, a Beatriz. Morrendo sem descendência, a viúva do *Chico Alberto* acabou por deixar este edifício, em conjunto com outros bens imóveis, a um afilhado, filho do Martinho *da Dionísia*, de seu nome também Francisco Alberto. Este vendeu-a, por seu turno, ao arquitecto Vasco Massapina e ao irmão, os quais acabaram também por vender, em 1996, ao primo e actual proprietário, Augusto de Carvalho. Natural de Viana de onde saiu nos anos 50, Augusto de Carvalho passou grande parte da sua vida em Lisboa, onde trabalhou no ramo dos seguros. Antigo colaborador do jornal oposicionista *A Republica*, tem obra poética publicada. O prédio possui, a todo o comprimento da fachada, um pequeno passeio com lambril em pedra mármore.

Nº 39 e 41- Prédio de dois pisos, de construção dos inícios da presente centúria, propriedade e habitação de Maria Jacinta Rã de Sousa e José Manilhas. Tem um logradouro que confronta a rua das Escadinhas. O nº 41 está ocupado por um comércio geral, explorado pelo referido casal, que habita o andar superior a que se acede por umas escadas que partem do vão com o nº 39. Na segunda metade do século passado, nas casas térreas que precederam o edifício actual, viveu a família Miranda, cujo pai e filho se dedicavam ao transporte de mercadorias em camionetas pesadas (camionagem). A mãe explorava, neste mesmo local, um pequeno estabelecimento de pastelaria.



Figura 9 - Prédio da família Cardoso, numa fotografia obtida no dia 1 de Janeiro de 2000 - fotografia do autor.

Nº 45 - Prédio de dois pisos, construído já nos primeiros anos da actual centúria. Sucedeu a um outro, também de primeiro andar, propriedade da família Cardoso, mais precisamente do Zé Coxo, irmão solteiro de Idalina Cardoso [Zambujinho] e de Beatriz Cardoso [Aleixo], que nele viveu pelo menos na década de 60 do século passado (figura 8). Nos anos da Reforma Agrária o edifício albergou os escritórios da *Unidade Colectiva de Produção* (U.C.P.) dos Baiões. Os herdeiros do Zé Coxo venderam o prédio a Fernando Tim Tim (+2014), localmente conhecido Fernando "Chapa" e à mulher, Maria Silva, que o mandaram demolir e construir o actual.

Nº 47 - Prédio de um só piso aparentando grande antiguidade (século XVI?). Pertenceu, na primeira metade do século XX, a Francisco Alberto Santos, que o deixou de herança á Santa Casa da Misericórdia de Viana do Alentejo, seu actual proprietário. Para esse período existe notícia de ter sido habitado por um casal de alguma idade, José Luís Pisa (1872-1955) e Antónia Maria Pisa (+1944), parentes de Mariana Pisa Prates a qual, na mesma altura, tinha um estabelecimento comercial e vivia quase em frente, no nº 28. Esse casal seria, muito provavelmente, inquilino do *Chico Alberto*. Durante as décadas finais do mesmo século, início do actual, viveu nele Francisco Pólvora Martins, empregado da Câmara e a sua mulher, Marcelina Augusta Falé Corchado [Martins], a *Lálá*, filha de Óscar Corchado e auxiliar na *Escola das Raparigas*. Possui esta casa, no seu alçado principal, uma singular cimalha, sob a linha do beirado, que pela sua singularidade importa registar e conservar.

Nº 49 - Prédio de dois pisos, com alçado lateral confinante com a rua da Graça e alçado traseiro na rua das Escadinhas. Aparenta ser construção do século XIX ou mesmo anterior, sendo que já aparece, com grande nitidez, na fotografia da figura 3, junto à linha tracejada que assinala o percurso da rua da Graça . Pertenceu e nele viveu, na primeira metade desta última centúria, o abastado proprietário local Francisco Alberto Duro dos Santos, popularmente conhecido por *Chico Alberto*. No primeiro andar viveu, nas últimas décadas, António Pereira Sousa, mais conhecido por *barbeiro de Évora*. Pertence hoje este edifício, na íntegra, a Albino Latas, pedreiro reformado da Câmara, natural de S. Bartolomeu do Outeiro que, por volta de 1972, se mudou para Viana e que o herdou de seu irmão. Com a morte de António Sousa, em 2013 e a entrada da sua mulher num lar, o edifício encontra-se actualmente desabitado, ainda que cuidado.

Nºs 51, 53 e 53A - Prédio de dois pisos, com alçado lateral confinante com a rua da Graça e acesso ao seu pequeno logradouro pela rua das Escadinhas. Foi construído nas décadas finais da primeira metade do século passado, sendo nessa altura conhecido por *prédio*

do Mestre Acácio, alusão ao seu proprietário, Acácio Viana Serpa (1895-1984), simultaneamente mestre carpinteiro e *mestre da música*, regente da Filarmónica local. Sucedeu a umas casas térreas que existiram naquele lugar e resulta da agregação de, pelo menos, dois cadastros diferentes. No piso térreo esteve instalada a oficina de carpintaria, a que se acedia por uma larga porta, hoje desaparecida, localizada onde agora está a primeira janela. A porta com o nº 53 dá acesso ao primeiro andar e à casa de habitação do mestre, sendo hoje habitado por uma sua neta. O nº 53A é uma porta recente, aberta nos anos finais do século passado no lugar onde existiu uma montra da oficina, que permitia observar móveis em exposição. Após o seu encerramento, por volta de 1972 ou 1973, o edifício sofreu algumas obras de remodelação que o adaptaram a estabelecimento comercial de venda de móveis e electrodomésticos, propriedade de Tomás Baião, genro de Acácio Serpa. Mais tarde foi ainda loja de informática, também de um familiar, sendo actualmente uma drogaria explorada pela já referida neta do primitivo proprietário. O nº 53A, hoje integrado na drogaria, foi durante alguns dos anos de transição do século passado para o actual um gabinete de desenho de construção civil, a *Casa do Traço*.

Nº 55 - Prédio de dois pisos onde actualmente vivem as duas filhas de Marciano Baião, Angélica (*Geca*) e Custódia Baião. Na primeira metade do século passado viveu neste prédio Tomé Máximo, familiar do alfaiate Jaime Máximo de Oliveira. No seu piso térreo esteve instalada, nos anos sessenta do mesmo século, a oficina de bicicletas do *Bombo*, que também vendia urnas funerárias e *chromos da bola*. Ainda na mesma década possuiu ali uma oficina o sapateiro Floripes Grilo, antes de se mudar para o Barreiro.

Nº 57 - Edifício de um só piso, com alçado lateral confinante com a rua João Chagas, devoluto há mais de meio século e hoje propriedade da herdeira de Orlando Cristo Carvalho. Antes, nas décadas iniciais e centrais do século passado, pertenceu a João de Sousa Faria e Melo, que o usava para aí guardar as lãs provenientes das tosquias do gado lanígero.

Nº 59 - Casas de piso único, com alçado lateral virado para a rua João Chagas, que na primeira metade do século passado integrava também, num todo, o vizinho prédio com o nº 63. Nessa época viveu nelas Jorge Cristo e a sua família. Era contínuo na Escola Médico Sousa – já seu pai também o fora –, e músico na Filarmónica de Viana. Depois, logo nos inícios dos anos cinquenta, foram estas casas habitadas pelo mecânico Francisco Azevedo Horta, natural de Évora, que se tinha deslocado para Viana para trabalhar na então recém-inaugurada oficina automóvel da Sociedade Comercial e Moagem, a S. Sebastião. Ainda ali esteve instalada uma pensão, explorada por Lídia Potes. Mais recentemente, finais do século passado inícios do

actual, também aqui viveu Maria José Bagão, que tinha estado casada com Fernando Santos, o *Ti Fernando*.

Nº 61 - Casa de piso único, em tempos una com a anterior, onde nas décadas finais do século passado viveram as irmãs Maria de Aires e Isaura Baptista, a primeira popularmente conhecida por *Maria Beirôa*.

Nº 63 – Neste local existiram umas casas térreas onde, nas décadas centrais do século passado, viveu o pedreiro *Chico Mólhinhos*, que trabalhava sobretudo para a casa Cabral.

PAR

N.º 12 - Prédio de dois pisos onde, em 1843, se instalou a Sociedade Vianense, quatro anos após a sua fundação, que tinha ocorrido em 1839. Trata-se da mais antiga colectividade do concelho e uma das mais velhas do país. O edifício ganhou a sua presente traça em meados dos anos sessenta do século XX, quando foi insensatamente destruído o primitivo, que integrava um pequeno teatro *á italiana*, o *Cine Teatro Vianense* - que nada tem a ver com a actual e homónima casa de espectáculos. Nessa altura a entrada principal para a colectividade fazia-se pelo alçado Sul, que confronta com a rua António Isidoro de Sousa, a antiga *rua do Poço Novo*. Dotado de um pequeno palco com camarins, com plateia e balcão rondando os duzentos lugares sentados, por aquele *Cine Teatro Vianense* passaram inúmeras récitas, sessões de teatro e operetas, onde brilharam artistas nacionais e, sobretudo, os amadores locais. Foi local de conferências e sessões cívicas; equipado com uma cabine de projecção, conheceu o cinema mudo e o sonoro. Retiradas as cadeiras da plateia, transformava-se em salão de baile que, nas décadas centrais do século passado, eram abrilhantados pelas melhores *orquestras jazz* da região.

Nºs 14 e 14A – Prédio de dois pisos, construído na década de 90 do século passado, com duas habitações. No mesmo local existiram, pelo menos até 1960, umas casas a que Túlio Espanca faz referência, também de piso único, antigas e possuindo *um opulento portal de pedra do sítio*, o qual e segundo o mesmo autor teria sido destruído já na década de setenta do século passado²⁷. De facto essa destruição ocorreu ainda na década de 1960, para dar lugar ao prédio que precedeu o actual. Desse portal existe pelo menos uma fotografia (figura 9),

²⁷ ESPANCA, Túlio, *Opus Cit.*, p. 469.

tirada por Olímpia Aurélio Fialho, talvez no próprio ano de 1960, utilizada no seu trabalho de fim de curso no Instituto de Serviço Social,²⁸ titulado de *Monografia de Viana do Alentejo*.



Figura 10 - Desaparecido portal do antigo número 20 da rua de S. Francisco - Fotografia de Olímpia Fialho, 1960.

Estas casas tinham pertencido à *velha Parola*, que as deixou por herança à família Parreira, a que pertencia a mulher de Neutel Banha Serpa, que acabou por as herdar. Depois de demolidas ou, pelo menos, substancialmente alteradas, cederam lugar, ainda durante os anos sessenta do século passado, a umas outras, também térreas, albergando um estabelecimento de mercearia, propriedade do dito Neutel Banha Serpa e do filho, Luís Valentim Parreira Serpa; por fim e já em período mais recente o local conheceu o Café do Pinto (também conhecido por *Café do Russo*).

N^{os} 16 e 18 – Prédio de dois pisos onde viveram, logo após terem casado, por volta de 1965, o comerciante Luís Valentim Parreira Serpa e a mulher, Emília da Paz. Nessa altura tinha apenas o piso térreo e era contíguo ao estabelecimento comercial de mercearia, que exploravam. Hoje, depois de ter sofrido obras profundas no final do século passado, ganhou um primeiro piso, estando dividido em dois cadastros.

N^o 20 - Prédio de alguma dimensão e boa arquitectura, típica da transição do XIX para o XX, com dois pisos, tendo o alçado principal para esta rua e os laterais, respectivamente, do lado meridional para a rua Eusébio Leão (n^{os} 3, 5 e 7), e do lado setentrional para a rua João de Deus; neste último possui ainda um portão alteado em relação á cota da via pública, cais de descarga de acesso a uma antiga adega sendo, do género, exemplar único na Vila. Pertenceu, em grande parte do século passado, à família Fialho, oriunda de S. Bartolomeu do Outeiro,

²⁸ FIALHO, Olímpia Aurélio, *Monografia de Viana do Alentejo*, trabalho final, policopiado, do curso do Instituto de Serviço Social, Lisboa, 1960. Devemos à sua sobrinha Maria José Fialho o acesso à leitura do referido trabalho.

tendo nele vivido o lavrador Joaquim Martinho Fialho (também conhecido localmente por o *Joaquim Aurélio*), penúltimo presidente da edilidade vianense antes de 1974. O edifício surge, em algumas fotografias de inícios do século passado, já com a volumetria actual. Em 1979 os herdeiros de *Joaquim Aurélio* venderam-no aos irmãos Laranjeira, naturais de Aguiar. São hoje seus proprietários Jacinto Laranjeira e a mulher, Cesaltina Torres, que nele vivem, tendo transformado parte dele em pensão, que exploram. A porta principal, em madeira e de boa obra, foi construída pelo carpinteiro e músico Acácio Viana Serpa, ainda na primeira metade do século passado.

N^{os} 22, 24 e 26 - Prédio de dois pisos, já descrito, sob o ponto de vista artístico, por Túlio Espanca. Segundo este, teria sido habitado por familiares do morgado Faria e Mello Lobo²⁹. Teria sido um deles, homem que se identificaria com o Antigo Regime, que teria mandado colocar na janela sacada do seu alçado principal os ferros decorativos, em forma de *serpes*, que se pensa terem pertencido ao desmantelado pelourinho manuelino de Viana³⁰. Os ferros da janela mais pequena, replicas dos da maior, são recentes, executados aquando de obras na década de 60 do século passado.

A designação popular deste edifício de *Casa das Cegonhas* radica na memória colectiva, que afirma terem ali vivido, em data não especificada de finais do séculos XIX, inícios do seguinte, umas senhoras, mãe e filha(s), que se dedicariam a uma prostituição dissimulada e que teriam a alcunha de *as Cegonhas*. Do lado do Beco do Saco esta casa deve ter possuído uma grande chaminé, adossada ao alçado Norte, que provavelmente também lhe serviria de reforço estrutural como contraforte. As dimensões da grande janela de sacada sugerem que o prédio teria sido maior, prolongando-se a nascente, para o quintal que é hoje da viúva de Fernando *Chapa* Tim Tim. Este logradouro, a que se tem acesso pelo beco do Saco, ter-lhe-á em tempos pertencido, uma vez que existe um vão fechado, numa divisão do piso térreo, que dava acesso a esse lado. As escadas para o primeiro piso são de construção relativamente recente e partem do n^o 22, tratando-se de um adossamento ao volume inicial do imóvel.

O edifício pertence hoje aos herdeiros de Mariana Vicência Finuras Baião (†2013) que, por sua vez, o herdou de seu pai, Francisco António Baião (†1979). Na altura em que este o adquiriu estava dividido em dois cadastros distintos, um por cada piso. O piso térreo adquiriu-o, em 1951, a Joaquim Eusébio Falé, o piso superior a Arnaldo Marcelino Corchado, por volta

²⁹ ESPANCA, Túlio, *Opus Cit.*, p.p. 468.

³⁰ BAIÃO, Francisco, BAIÃO, Manuel, LOPES, Alice, "O Pelourinho de Viana do Alentejo - Propostas para a sua Reconstrução", folheto policopiado distribuído aquando da exposição no Posto de Turismo de Viana do Alentejo, Setembro de 2003, p. 17.

de 1961. Depois de ter servido para armazém de cereais, o prédio recebeu algumas obras de vulto na primeira metade da década de sessenta, que permitiram a que nele se instalasse, no piso térreo, a taberna de António Rosa. Este estabelecimento serviu, em simultâneo, de local de paragem das carreiras de camioneta e armazém de mercadorias da empresa *Transportadora Setubalense*,³¹ até aos inícios da década seguinte, altura em que a dita paragem da carreira passou para o então Largo 28 de Maio, hoje 25 de Abril. Por esse mesmo tempo o vizinho e carpinteiro Acácio Viana Serpa, em término de actividade, ainda ocupou durante alguns meses aquele espaço com os restos dos materiais da sua oficina de carpintaria, entretanto reconvertida em loja de mobílias e electrodomésticos pelo genro. O primeiro andar, uma moradia de dimensões algo diminutas, teve como primeiro inquilino, após as obras, o oleiro António José Cavalete Lagarto e a mulher, Henriqueta, que para aqui vieram morar quando casaram. Por volta de 1973 ou 1974, novas obras no rés-do-chão permitiram que pudesse ser alugado como casa de habitação. A primeira família que lá viveu, nessa altura, foi a do já aqui referido Albino Latas, com a sua mulher e duas filhas.

Nº 28 - Prédio de dois pisos, com alçados laterais na rua Prof. Dr. Manuel Dâmaso Prates e no Beco do Saco, hoje propriedade de Francisco Ernesto Ferro. Nele nasceu, em 1903, o médico e investigador Manuel Dâmaso Prates, filho de pai homónimo - este último alfaiate de profissão e um dos sócios fundadores da Caixa Económica Operária António Isidoro de Sousa -, e de Mariana de Aires Pisa [Prates], comerciante. No piso térreo deste edifício existiu, nas primeiras décadas do século XX, um estabelecimento comercial de mercearia, explorado por Mariana Pisa (1870-1953). Acedia-se-lhe por uma porta que dava para a antiga rua da Graça, actual rua Prof. Dr. Manuel Dâmaso Prates. Após a morte daquela o prédio foi herdado pelo filho médico que, por viver em Moçambique, o colocou à renda: no primeiro piso viveu, durante mais de uma década, o chefe da secretaria da Câmara, Raul Campos de Andrade, com a mulher e os dois filhos e no piso térreo o sapateiro Matias Vera, também com a mulher, a Maria Ova.

Nºs 30, 32, 34 e 36 - Edifício grande, de dois pisos, possuindo alçados laterais e construções anexas (algumas delas hoje já individualizadas) para a rua Prof. Dr. Manuel Dâmaso Prates (nº1) e Padre Luís António da Cruz (nºs 2, 4, 6 e 6A). Já se encontra descrito, sob o ponto de vista histórico-artístico, na página 23 do Relatório. O prédio pertenceu durante largo período do século XX ao veterinário Luís de Sousa Faria e Melo, casado com Alice

³¹ Também conhecida pelos "*Belos de Azeitão*", referência ao nome da empresa, "João Cândido Belos e Irmãos, Lda", de Vila Nogueira de Azeitão. Na região, tinha a sua principal estação e garagem na Rua da República, em Évora.

Campos, carecendo de confirmação se o herdou dos pais. Certo é que na década de 30 do referido século ali viveram durante alguns anos, logo depois de terem casado e após o imóvel ter sofrido algumas obras (sobretudo no primeiro piso), o lavrador João de Sousa Faria e Melo (†1977), irmão do anterior e sua mulher, Maria Salomé Marques (†1976). Após a morte do médico António Marques (†1946), pai de Maria da Salomé, o casal mudou-se para a casa daquele, na rua António Isidoro de Sousa. O primeiro piso foi então dividido em duas habitações que Luís de Sousa passou a arrendar. Acedia-se-lhes pelo vão com o nº 32, que dá acesso a umas escadas conduzindo a um pequeno patamar, com porta para cada uma. Entre 1956 e 1967 viveu numa delas o comerciante Tomás do Espírito Santo Baião (*Zico*), com a família; a partir de 1967 e durante um par de anos a mesma casa foi habitada por um taxista de apelido Bilro e, um pouco mais tarde, pelo comerciante local Feliciano Tenrinho. Sensivelmente pela mesma altura a habitação contígua foi habitada pelo padre António Pereira (†1979), capelão da *creche* e do Hospital.

Este imóvel tem actualmente mais duas janelas sacadas, para além das originais descritas por T. Espanca, abertas na parte mais setentrional do alçado principal aquando das obras promovidas pelo actual proprietário, há cerca de três décadas. Também no alçado Norte foi, na mesma altura, aberta mais uma janela sacada, sobre a porta do nº 2 da rua Padre Luís António da Cruz (antiga taberna do *Chatisse*), num primeiro piso que até aí tinha sido usado como celeiro. O nº 34 dá acesso a umas divisões térreas que estiveram preparadas para ser uma queijaria.

A porta com o nº 30 conduz a uma pequena habitação no piso térreo, possuindo duas janelas para a rua Prof. Dr. Manuel Dâmaso Prates. Durante a Segunda Grande Guerra funcionou naquele local o serviço de Intendência, que distribuía as senhas de racionamento e onde trabalhou Francisco Valadas. Nessa altura o acesso era feito por uma porta que estava onde hoje está a primeira das referidas janelas, sendo que a porta actual era uma janela. Durante uma das últimas grandes enxurradas (1946?) que, com frequência, afectavam dramaticamente quase toda a vila com águas que vinham da serra - e que só terminaram, como já atrás referimos, com a construção da grande conduta colectora que corre sob toda a rua Teófilo Braga -, a água entrou pela casa, havendo ainda na vila quem se recorde de ver as senhas de racionamento e outros papéis a serem levados pela correnteza. A mudança da porta, do alçado Sul, directamente virado para a serra, para o alçado Oeste, visou precisamente procurar minimizar este problema. Na década de sessenta, inícios da década seguinte, esta casa foi habitada pelo casal António *Paleó* e Maria Teresa. Depois da saída destes foi também domicílio de António Bento, encarregado de pedreiras e da sua mulher,

Manuela Lima, que aí viveram com os seus três filhos. Já neste século e sendo agora proprietário de todo o prédio Joaquim Alfacinha, estas casas receberam obras que permitiram que ali se instalasse, durante um par de anos, o consultório do dentista brasileiro Enzo Carramashi e, mais recentemente, uma clínica veterinária (2013/2014). Encontram-se actualmente (2019) arrendadas, servindo como salão de cabeleireira.

N^{os} 38, 40, 42 e 44 - Edifício grande, de dois pisos, com alçado Norte (o principal?) na rua dos Fragosos. Pertence aos herdeiros de Neutel Rosa que, por sua vez, o herdou de Catarina Gil Direitinho. Ainda hoje as gerações mais velhas se referem a este prédio como o *Centro*, memória do tempo em que algumas das suas dependências serviram de sede ao *Centro Republicano*. De facto e logo nos primeiros anos do século passado o imóvel foi adquirido por José António Direitinho, industrial do ramo corticeiro, natural de Alvito, que aqui se tinha radicado por volta de 1904. Republicano e maçom, ao longo de décadas ele e os seus filhos disponibilizaram partes do prédio para instalação e sede de associações a que também estavam ligados ou de que eram mesmo fundadores, entre elas o *Transtagano Ginásio Clube*, o *Sporting Clube de Viana do Alentejo* - que aqui nasceu e teve, durante quase meio século, a sua primeira sede -, ou o já referido *Centro Republicano*. O n^o 38 dá acesso a uma largo logradouro, com poço e tanque de lavagem de roupa, ao lado de uma escadaria exterior que conduz a um interessante e antigo alpendre no primeiro andar. Dele se acedia a umas casas de habitação, á esquerda, e á sede do clube desportivo, á direita. No quintal foi construído, em finais da década de 40 e com subvenção estatal, um ringue de patinagem³², aproveitado também, nas noites de Verão, para nele se fazerem animados bailes.

As divisões térreas a que se acede pelos n^{os} 42 e 44 albergaram as primeiras instalações da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Viana do Alentejo, logo após a sua fundação em 1911, uma bem sucedida iniciativa do regime nascido em 5 de Outubro, que teve como mentor Brito Camacho. A instituição aqui se manteve durante algumas décadas, até se mudar para outras maiores e mais centrais, no número 17 da Rua Miguel Bombarda - ainda anteriores às actuais, que estão na mesma rua, mas já junto à praça. Com a saída da *Caixa*, as instalações foram ocupadas pela delegação local do Grémio da Lavoura, das quais foi durante longos anos funcionário (e aqui teve o seu escritório) José Paulo da Rocha, mais conhecido por o *Zé Rocha* (†1972). O último funcionário do Grémio foi um indivíduo de Évora, de seu nome Baltazar Curado. O local acolheu ainda, durante um par de anos e logo após a sua fundação, por volta de 1975, as primeiras e provisórias instalações da CAVA - Cooperativa Agrícola de Viana do

³² BRANCO, Luís Filipe Martins, *A Actividade Física e o Desporto em Viana do Alentejo - 80 anos de história*, Viana do Alentejo, edição da Câmara Municipal de Viana do Alentejo, 2013.

Alentejo após o que, já na década seguinte e inícios da de 90, foi escritório e armazém (portão da Rua dos Fragosos) da EDP.

Nº 46 - Alçado principal do edifício de dois pisos onde se instala o gabinete de contabilidade *Contaprojecto*. Sucedeu a umas casas velhas, de piso térreo, que ali existiram - e que em parte se aproveitaram -, objecto de grandes obras nos últimos anos do século passado e durante as quais se construiu o primeiro andar. Todo o casario deste lado nascente do quarteirão (i.e., este prédio e o vizinho com o nº 48, o actual armazém a que se acede pelo portão de esquina com o nº 20 da rua Dr. António José de Almeida e ainda a pequena casa com o nº 23 da travessa dos Fragosos) pertenceu, durante grande parte do século XX, a Maria José Fragoso, filha e herdeira de José António da Rosa Fragoso (†1958), antigo presidente da edilidade vianense, irmão do padre Manuel Eduardo Fragoso (†1952). Durante um determinado período dos anos centrais da referida centúria, teria sido usufrutuário de parte deste casario um dos irmãos Fadista (o Francisco?), não sabemos a que título, sendo certo que José António Fragoso era casado com uma das suas irmãs, de seu nome Beatriz de Jesus Vasques Fragoso (†1941). Já nos anos finais da década de setenta da referida centúria, todo aquele conjunto, com excepção da pequena casa da rua dos Fragosos, foi adquirido pela CAVA - Cooperativa Agrícola de Viana do Alentejo, com o fito de aqui fazer os seus armazéns, loja e escritórios. Mais tarde, já na década de 90 e após a extinção da CAVA, a *Contaprojecto* adquiriu esta parte.

Nº 48 - Prédio de dois pisos de (re)construção recente. Com historial semelhante ao anterior foi, na altura da extinção da CAVA, adquirido por Mendo Bentinho e, mais tarde, vendido por este à Casa do Benfica de Viana do Alentejo, que ali tem as suas instalações. À data da conclusão deste texto esta Associação encontrava-se encerrada, sem qualquer actividade.